

Apresentação

Este número especial dos Cadernos de História da Ciência apresenta como tema central “Imagem e Ciência”. A inovação editorial na abordagem do tema proposta pelo organizador deste número foi a de reproduzir textos de alguns autores, na forma de um “dossiê” trazendo contribuições de ordem histórica sobre a natureza da visualidade científica, suas transformações e seus modelos antigos e os atuais. Um texto mais específico desta concepção é apresentado por Adilson Mendes como introdução ao número especial.

O primeiro texto de Horst Bredekamp (historiador da arte e professor da Humboldt-Universität de Berlim) “O poder do conhecimento da linha em Galilei, Hobbes e Hooke” publicado originalmente em 2002 traz a reflexão sobre três pesquisadores do séc. XVII, que foram bem-sucedidos na visualização da superfície da lua (Galileo Galilei), do domínio do Estado (Thomas Hobbes) e do mundo microscópico (Robert Hooke) utilizando nestes diferentes campos uma intensa simbiose entre pensamento e contemplação.

A autora Teresa Castro em seu texto “Percorrer e possuir o mundo: os atlas de imagens e a experiência epistemológica do olhar” aborda com o fenômeno dos atlas que se espalharam progressivamente pelo mundo, alcançando zonas do conhecimento e da criação, e conhecendo ao longo do século XIX um momento decisivo. Ao reunir o desenvolvimento de técnicas de reprodução gráfica e as novas disciplinas, o atlas científico – botânico,

anatômico, antropológico etc. – se multiplica, organizando visualmente elementos gráficos para transmitir um saber, tornando possível uma forma particular de conhecimento articulada à associação de elementos visuais.

“O “retorno” do 3D sobre algumas das lógicas e genealogias da imagem no século XXI” texto de Thomas Elsaesser, reflete sobre histórias da estereoscopia e do 3D que contêm uma omissão aparentemente pequena, mas significativa: elas não sugerem a extensão do uso das imagens em 3D para propósitos científicos, militares, de segurança e médicos (ultrassom) no passado e no presente. É, portanto, o retorno do 3D no cinema comercial e no entretenimento popular que obriga a desviar a atenção para a estreita aliança que sempre existiu entre as indústrias de entretenimento e as outras indústrias de simulação, bem como entre as mídias de observação e registro, e as mídias de vigilância e controle.

Fechando o dossiê Rodrigo Archangelo apresenta em seu artigo “A saudável e cinematográfica política de um médico na São Paulo dos anos 1950” uma reflexão original sobre a trajetória do político Ademar de Barros, sua exploração da figura do médico é aqui abordada para descrever a estratégia eleitoral do homem de ciência empenhado na transformação da saúde pública. A partir da análise do cinejornal *Bandeirante na Tela*, o artigo destaca os principais aspectos de um político que pretende legitimar sua imagem mais como agente da ciência do que como político propriamente.

Compõe esse número o artigo “O engenheiro e o inquérito sobre as habitações operárias no Distrito de Santa Ifigênia, 1893”. Maria Alice Rosa Ribeiro traz uma contribuição importante para a história da saúde pública paulista: marcar a iniciativa e a participação do engenheiro Theodoro Sampaio no inquérito sobre as habitações de trabalhadores no distrito de Santa Ifigênia; apontar que o relatório final e as 65 fichas do exame e inspeção das habitações operárias constituíram o documento fundamental para a formulação do primeiro Código Sanitário do Estado de São Paulo, em 1894; conhecer os moradores dos

cortiços de Santa Ifigênia na última década do século XIX, com base nas fichas do inquérito.

“Laboratórios de investigação médica do HCFMUSP: um novo caminho a partir da reforma universitária de 1968” artigo de Patrícia Manga e Silva Favaretto e André Motta refaz a trajetória de criação dos Laboratórios de Investigação Médica (LIM) do HCFMUSP, ensejada pelas medidas da Reforma Universitária de 1968 aplicadas à Faculdade de Medicina da USP. Os LIM desenvolvem pesquisa básica e aplicada em diversos campos das ciências da saúde, além de método diagnóstico vindo suprir um vácuo entre lideranças científicas e no espaço físico na Faculdade onde esses departamentos foram transferidos para o campus da Cidade Universitária, nucleados, sobretudo, o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB).

Na secção nota biográfica “A trajetória de Lilly Ebstein Lowenstein entre Berlim e São Paulo” o texto de Monica Musatti Cytrynowicz e Roney Cytrynowicz apresenta a trajetória de Lilly Ebstein Lowenstein combinando diversas perspectivas, a da mulher emancipada, profissional, imigrante e formada em um saber técnico especializado, a das instituições científicas e a da história do desenho e da fotografia científica, tornando seu percurso emblemático de momentos significativos da história da ciência, entre Alemanha e Brasil, no século 20.

A secção nota histórica traz dois interessantes textos: “Contribuição ao estudo da Microscopia Eletrônica no Instituto Butantan” de Carlos Jared introduz o tema dessa inovação recuperando a história com a aquisição de um microscópio eletrônico Siemens ÜM100b, modelo 1950, financiado pelo CNPq em 1952, visando principalmente o estudo dos vírus, a antiga Seção de Vírus e Virusterapia do Instituto Butantan, sendo então chefiada pelo Dr. Aristides Vallejo-Freire. Instalado no Pavilhão Lemos Monteiro e criado o Setor de Microscopia Eletrônica que, posteriormente, tornou-se independente, transformando-se na Seção de Microscopia Eletrônica e, após a década de 1990, no atual Laboratório de Biologia Celular. E o texto de Adilson

Mendes, “Alberto Federmann, um pioneiro esquecido” traz a trajetória de Alberto Federmann e suas incursões pelo cinema científico que contribuem para desvelar um campo entre a arte e a ciência ainda pouco investigado. Autor de filmes hoje esquecidos, Federmann documentou a formação da pesquisa científica no Brasil, além de ter registrado a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

A resenha “Um manual de ilustração zoológica”, assinada por Olga Sofia Faberge Alves, realizada sobre o livro *Ilustração Zoológica (Ilustración zoológica)*. Organizado pela ilustradora Rosa Maria Alves Pereira, livro bilíngue (português e espanhol), lançado em dezembro de 2016 pela editora Frente Verso de Belo Horizonte. O livro oferece instruções e exercícios para o aprimoramento dos leitores no ofício da ilustração científica. Rosa Maria Alves Pereira é autora da maioria dos capítulos com a colaboração de três ilustradores: Alessandro Rodrigues Lima, doutorando da UFMG, que colaborou no capítulo referente aos insetos, e os portugueses; Pedro Salgado, biólogo, professor das Universidades de Lisboa e de Évora e especialista em biologia marinha, responsável pelo capítulo de peixes; e Marco Nunes Correia, designer de comunicação e especialista em ilustração científica e que assina o capítulo de aves. O prefácio foi escrito por Juliana Santos Botelho.

Encerra esse número o ensaio “O cinema, a imagem indígena e as expedições científicas – o caso König Amazonas” escrito por Adilson Mendes sobre o filme *König Amazonas*. O filme representa um exemplo paradigmático, condensa uma série de estereótipos e convenções reconhecidas em outras mídias, construindo-se entre o registro etnográfico e o olhar que tende ao pitoresco.

Boa Leitura

Comissão editorial